

Ulisses - A odisséia de um corpo¹

GT 1

História, teoria e crítica da arte e da imagem

Mário Mendes Cavalcante

marioart360@gmail.com

Mestrado em Cultura Visual Faculdade de Artes Visuais - UFG

RESUMO

Apresento nesse trabalho algumas imagens do ensaio fotográfico produzido para minha monografia de conclusão de curso de graduação em Artes Visuais. Investigando a temática do corpo na arte contemporânea, seus usos e manipulações, discuto a relação entre imagem e texto, a partir de uma leitura do personagem Ulisses, de *A Odisséia* de Homero. Para a produção das imagens fotográficas estabeleci um diálogo com a tradição da história da arte, apropriando-me de todo um repertório visual e estético presentes em obras de artistas como Caravaggio, Rubens, etc. Nesse ensaio, o corpo como objeto poético propõe novas maneiras de visualização e poetização.

Palavras-chave: corpo, história da arte, arte contemporânea, Ulisses.

ABSTRACT

I present some images of work in this photographic essay paper produced for the completion of my course of studies in Visual Arts. Investigating the theme of the body in contemporary art, their uses and manipulations, discusses the relationship between image and text, from a reading of the character Ulysses in *The Odyssey* of Homer. For the production of photographic images establish a dialogue with the tradition of art history, appropriating me a whole repertoire of visual and aesthetic in works of artists such as Caravaggio, Rubens, etc. In this test, the body as object poetic proposes new ways of viewing and poetização.

Keywords: body, art history, contemporary art, Ulysses

Em torno do corpo na arte

Diante da diversidade de concepções que o corpo ganha com os novos paradigmas que surgem através da exploração e mudança deste pela ciência e tecnologia, abrem-se, neste contexto, novas possibilidades de se pensar o corpo, não mais como uma estrutura biológica². O seu conceito passa a ser revisto. Um conceito que redimensiona e rompe, não só quanto a sua representação e suas aparentes visualidades, mas concomitantemente à origem, funcionamento e estrutura deste e é assim que um novo corpo surge.

O que há é um “deslocamento” na arte, da representação tradicional renascentista para uma desconstrução deste ideal de corpo. A preocupação não seria mais a representação fiel da realidade, mas a representação ou manipulação de outra realidade, que estaria agora se fundando não mais nos cânones renascentistas³. E, nas múltiplas abordagens deste corpo, agora fundadas pela arte contemporânea em hibridismos conceituais, estéticos e formais, esta representação perde seu valor como princípio norteador.

Com a ruptura dos suportes artísticos habituais e a mesclagem de técnicas, numa transformação que se processa desde os anos 60, o corpo

conquista o espaço, ora para inserir-se nele, ora para modificá-lo, através da sua presença ativa; ou, então, servindo como suporte, nas performances e na *body-art*. E a imagem desse corpo hibridiza-se, torna-se outro, nos diversos materiais, com os quais é mesclado e onde será manipulado. Ressignificado e ressemantizado através da fotografia, do vídeo e das novas tecnologias, o corpo se reelabora e, novamente, abre suas fronteiras biológicas e culturais, encontrando fiéis exemplos em artistas como Eduardo Fraipont, Lia Chaia, Nan Goldin, Peter Greenaway, Rachel Rosalen etc.

A fotografia terá como função inicial, substituindo a pintura, pelo menos naquilo que ela tinha como papel principal, a representação do real e, irá, com seu desenvolvimento, até os dias de hoje, incorporar outras papéis⁴. E, com este desenvolvimento e, por conseguinte, com a expansão de seus usos, vai sofrendo e adquirindo, com relativa experimentação, transformações que irão influenciá-la substancialmente⁵.

Eu e Ulisses

Analisando o trecho do livro *Memória de Ulisses*, de François Hartog⁶, podemos constatar que o mito Ulisses traz em si um elemento da construção da identidade grega, que marca um período de exploração desta própria identidade, firmando-se justamente seu potencial heróico desbravador; um desbravar que se firma em sua própria natureza desbravadora.

Ulisses é acima de tudo um herói, que tem em sua perspicácia e astúcia a marca de sua força. Não é tanto na força física ou na bravura que o herói, senhor de Ítaca, irá vencer os inimigos (obstáculos!), é, justamente, o poder de sua inteligência e a fúria de seu amor que servirá como arma contra o ciclope Polifemo, os monstros Cilas e Caribdes e aos pretendentes imporá sua vingança.

O viajante Ulisses não se vergará diante das adversidades que lhe são impostas pela longa viagem que realiza, pois se adapta a elas com facilidade; sua empresa é a própria determinação do seu objetivo: o desconhecido, seus feitos são os de conhecer e saber por que conhece. A saga é pelo desconhecido.

A epopéia se delinea entre um retornar a si mesmo, quando da sua incansável busca por reencontrar a esposa Penélope, o filho Telêmaco, e o reino de Ítaca, e a viagem geográfica pelos caminhos que havia deixado desde sua partida para a Guerra de Tróia. É um eterno retornar. Uma viagem que não se cansa de querer retornar.

O que pretendo aqui é discutir a relação entre o meu ensaio fotográfico e as possibilidades de interpretação que alguns episódios, ou as características da personalidade de Ulisses, possam aludir. E, para isso, recorro, justamente, àqueles com os quais me identifico para elaborar ou laborar esta relação.

As Rapsódias da Odisséia

Este trabalho e o seu processo envolvem soluções plásticas e conceituais que não poderiam ficar de fora das discussões. Por isso mesmo, trago agora algumas considerações acerca do que escolhi como referencial poético para traduzir em imagens a epopéia, a aventura literária de Ulisses dentro da Odisséia.

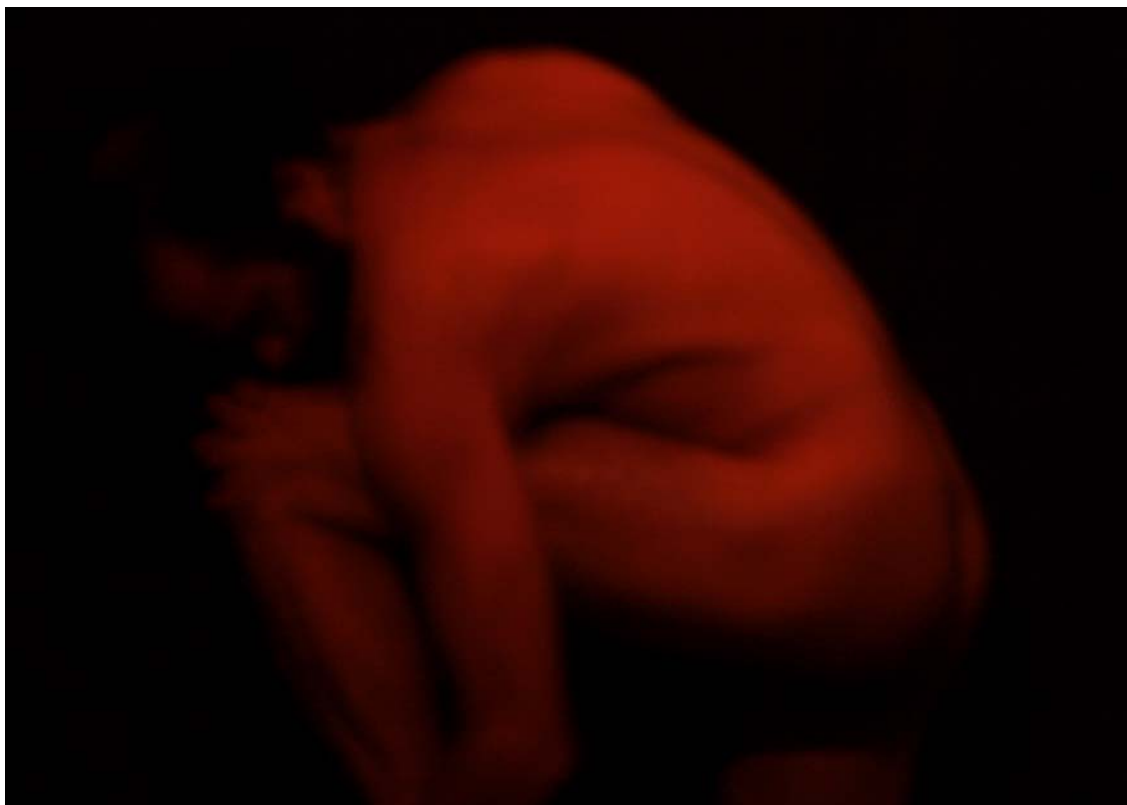
Inúmeras possibilidades interpretativas existem para o mito Ulisses, mas há talvez algumas que estariam implícitas no mito e a estas quero me reportar, não com o intuito de revelar algo jamais percebido, mas muito mais com o objetivo poético, e, sobretudo, por serem as que em minha opinião melhor descrevem a personalidade, a força e a beleza desta personagem em suas aventuras e desventuras.

É a partir destas conclusões que realizei algumas imagens com o desejo de descrever estas características da narrativa e do personagem. É importante frisar que, além da possibilidade literal, há também os conceitos que proponho poeticamente ao corpo: corpo-texto, corpo-memória, corpo-fronteira, corpo-território, corpo-mar, corpo-mundo.

Dos quatro episódios selecionados para o ensaio fotográfico — A gruta de Calipso, o incidente com Polifemo, Circe e as sereias e a matança dos pretendentes — procurei trabalhar com aspectos da personalidade de Ulisses, ou pelo menos com alguns daqueles que sua figura mítica evoca. E, por essa razão, trabalhei movimentos, posições, texturas a partir do jogo de luz e

sombras; recortes de fragmentos do corpo etc. Ao longo do processo de criação fixei-me em aspectos ou elementos visuais que pudessem trazer certa ambigüidade para o cerne das imagens, fiz questão de marcá-las com este elemento poético, carregá-las de vários significados.

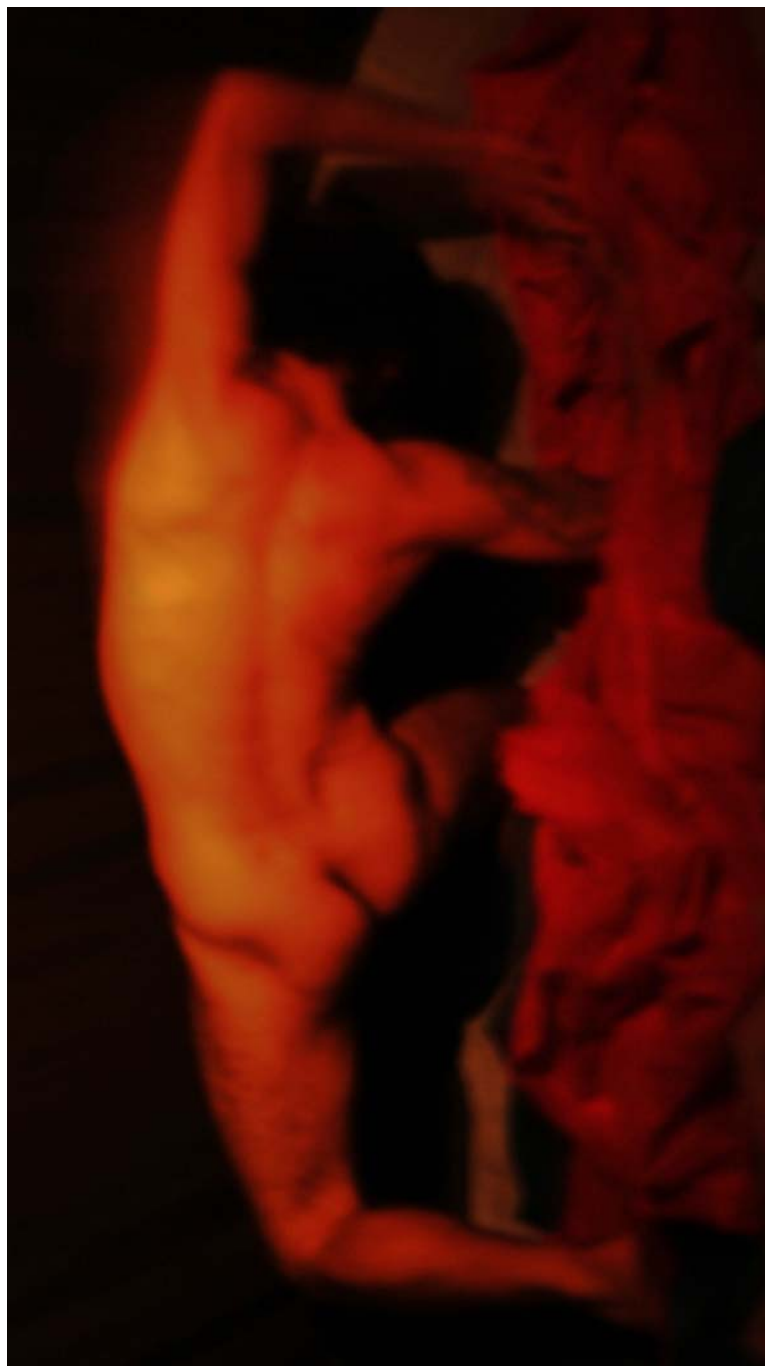
Série 3 - Circe e as Sereias, fotografia



Há implícita a virilidade, mas há também a sensualidade, os movimentos angustiados, uma forte dramaticidade marcada pelos tons fechados do *chiaroscuro*; o corpo e os membros se contorcem, se estendem, se retraem, se enrijecem e se dilatam numa luta ou dança incansável por querer se libertar, querer se regozijar na sedução ou do canto das sereias e das nas noites ao lado da ninfa Circe; ou, para marcar a força e a liderança no seu retorno a Ítaca e da vingança na matança dos pretendentes, ou o logro empreendido à Polifemo.

Tentei a cada pose escolhida, cada ângulo, cada recorte, cada foco (ou falta de), trazer à tona aspectos da empresa e, talvez, referências à complexa e sagaz personalidade de Ulisses. O mito fora evidenciado, mas também foram destacados, referendados os conceitos, poeticamente elaborados por mim, acerca do corpo.

Os conceitos de corpo-território, corpo-fronteira, corpo-memória etc. de alguma forma estiveram sob uma sutil camada, revelando-se indiretamente nos momentos em que determinado ângulo, efeito de luz e sombra, desfocado, ou recorte, fosse permitido porque quis demonstrar certas passagens das rapsódias escolhidas ou das características da personalidade de Ulisses.



Série 4 - A Matança dos Pretendentes, fotografia digital

O auto-retrato

Abro aqui um espaço, uma oportunidade para discutir a relação do auto-retrato na arte contemporânea e neste ensaio fotográfico. Inicialmente a intenção na era a de trabalhar com auto-retrato. Quis captar o corpo numa profusão de gestos, movimentos, ângulos, perspectivas etc. para representar a história de Ulisses quanto aos conceitos que já mencionei. Mas, entretanto, naturalmente o processo de utilização de meu corpo “lendo” Ulisses direciona o trabalho para este aspecto: o auto-retrato na arte contemporânea.

Olhando para dentro da arte contemporânea podemos encontrar uma infinidade de possibilidades poéticas em se tratando de auto-retrato. Não é mais a representação de traços fisionômicos que importa; ao contrário, até mesmo a ausência e distorção dos mesmos é o que se busca. Às vezes o próprio corpo é usado como tal ou fragmentos deste mesmo⁷.

O auto-retrato caminhou muito mais no sentido de uma alegoria, para exibir o corpo, onde a teatralidade e a noção de metáfora fossem incessantemente buscadas. A questão do auto-retrato surgiu a partir da prática de encerrar o corpo nesta narrativa, nesta poética, ou seja, é fruto do processo de utilização deste como suporte e da discussão sobre a escritura do corpo, porque é este que se serve para esta operação.

Ao mesmo tempo em que temos um corpo, com um sujeito operando os gestos, as posições, que encena quadros de outra história, que não a sua, uma história mítica, teremos, por isso mesmo, um outro sendo alegoricamente construído. O que há é uma constante troca de papéis. Ora visualmente temos o corpo do artista, que se parte em fragmentos, que se congela em dada posição, para “escrever” uma cena, ora temos o corpo alegórico, que é o próprio corpo do artista quanto do personagem Ulisses.

E, a todo o momento, evoca-se outra coisa, neste jogo especular entre o artista, o mito e o espectador. Coisa esta que não está explícita, mas que tem a intenção de ser, ou fazer ser, percebida poeticamente. O corpo pode ser um território, uma fronteira, uma memória, um texto, um mundo, o mar. O corpo pode ser outro, basta poetizá-lo.

E após esta primeira incursão pelo universo da Odisséia, do personagem, do mito Ulisses, em suas aventuras, viagens, descobertas, as

agruras por ele enfrentadas em sua epopéia, que vejo e diviso não uma verdade que eu queira defender, mas sim uma licença poética, com a qual quero me debruçar para encontrar todas as possibilidades artísticas que este pode me oferecer. Assim, o que vejo é uma viagem constante, operada de dentro para fora, no interno e no externo deste mito, onde o olhar opera o reconhecimento e a palavra descreve o que vê. Talvez uma das possíveis descobertas feitas após esta primeira viagem pelo *corpouliesses* seja a de que o corpo, nesta operação que a arte contemporânea nos possibilita em torno de seus usos, poderia se assemelhar a esta viagem empreendida pelo herói.

A viagem que Ulisses faz é uma viagem de descobrimento, de identificação e de exploração do outro, que pode ser o corpo-território, corpo-fronteira, corpo-memória, corpo-mundo. Na realidade, o que há é um desdobramento poético deste universo mítico, deste imaginário, que o mito nos apresenta. “Não há retorno possível para Ulisses” (HARTOG, 2004, p.52).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- HARTOG, François. **Memória de Ulisses**: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. (Coleção Humanista) 272 p.
- HOMERO. **Odisséia**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002. 318 p.
- JEUDY, Henry- Pierre. **O Corpo Como Objeto de Arte**. Trad. Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 181p.
- CATÁLOGOS
- BOUSSO, Daniela. 150 anos depois. In 3º Prêmio Sérgio Mota. São Paulo. 2002 p. 8 -13
- BOUSSO, Daniela. **Metacorpos**. São Paulo: Paço das Artes. 2003 p.11-19.
- CHIARELLI, Tadeu. **Deslocamentos do Eu**: O auto-retrato digital e pré-digital na arte brasileira (1976-2001). São Paulo. 2001 p. 5-6.

¹ Agradeço à Profª Drª Rosana Horio Monteiro, quem orientou a pesquisa de conclusão de curso de graduação, pelos comentários para a finalização desse artigo.

² O corpo não é apenas biológico, ele tornou-se tecnológico, pois, podemos implantar próteses miniaturizadas (...) o corpo presta-se a todas as experiências (...) (JEUDY, 2002, p.152).

³ (...) ao romper com a perspectiva neoclássica/renascentista, o advento da fotografia desobrigou a arte da representação fiel do corpo, e este passou a ser tratado de acordo com a ótica assinalada pelo estatuto da arte moderna (...) (BOUSSO, 2003, p.11).

⁴ O aparecimento da fotografia liberou a pintura da obrigação de copiar a realidade. Assim, colocou por terra os problemas da representação contribuindo para o avanço substancial do Modernismo, uma vez que o meio era mais poderoso que as técnicas tradicionais – com o desenho e a pintura – para dar conta de propostas como as do realismo e do naturalismo (IDEM, 2002, p. 8).

⁵ E, lá vão os fotógrafos reinventando a fotografia a partir de óticas e recortes metafóricos que recriam o mundo real e ressemantizam o próprio meio a partir do conhecimento cada vez mais aprofundado da história da fotografia (IBIDEM, 2002, p. 11).

⁶ Ulisses, em suas viagens, pelo próprio movimento desse retorno sem cessar contrariado e diferido, traça os contornos de uma identidade grega. Ele a enclausura. Ele marca as fronteiras (entre o humano e o divino, por exemplo), ou, sobretudo, ele, o Resistente, prova-as ou experimenta-as, arriscando-se a perder-se totalmente. Móvel, agitado pelas ondas, tendo sempre de partir de novo, ele próprio é um homem-fronteira e um homem memória (HARTOG, 2004, p.140).

⁷ Essa associação da alegoria com o objeto entendido como mercadoria ganha um forte sentido quando nos lembramos que, ao atuar com uma imagem já pronta de si mesmo - descontextualizando-a e mudando seu significado original (...) vendo a própria imagem como um objeto já afastado de si mesmo, uma mercadoria passível de ser eleita como emblema de uma dada situação, real ou fictícia (CHIARELLI, 2001 p.5).

Currículo:

Mário Mendes Cavalcante

Artista plástico, fotógrafo e professor universitário

Goiânia - GO 23/09/1968

Formação: Graduado em Artes Visuais - Faculdade de Artes Visuais - UFG

Mestrando em Cultura visual pelo Programa de Pós-Graduação Faculdade de Artes

Visuais Professor das disciplinas de Arte e Cultura Popular no Brasil e História da Arte na FAV